

## O PI NO OFICIAL E NO PARALELO

Era uma mata na várzea do Rio Preto, não distante de onde ele paga seus tributos de água e lama ao Paracatu, que mais abaixo verte no São Francisco. As árvores expunham-se colunares à cobiça de um madeireiro: aroeiras, angicos, perobas, copaíbas, vinháticos, imburanas, jatobás, cedros, tamboris, o raro pau-ferro, o raríssimo bálsamo, jequitibás do branco e do vermelho, ipês roxos e amarelos. O madeireiro e seu ajudante, um rapaz magricelo que operava, não sem alguma solenidade, uma trena tesa capaz de projetar-se até o ápice do tronco das árvores. Media o comprimento dos troncos, media seu diâmetro a uma altura acima da sua cabeça, onde as mãos alcançassem, e ditava os números a seu patrão. Mas foi este último quem chamou minha atenção. Mostra todos os sintomas de um capiau que pouco havia saído daquela solidão onde algumas matas ainda assoberbavam a planície, aqui e ali interrompida por alguma pedreira de dolomita. No bolso da camisa traz uma caderneta onde registra os dados de cada árvore, após puxar uma calculadora eletrônica e dedilhar cálculos. Passa um giz no tronco para que a mesma árvore não se repita no censo, e vistoria a árvore seguinte. Estava obviamente calculando o volume de cada tronco, e não é de estranhar que me surpreendesse sua capacidade para realizar o cálculo. Aproximei-me do matuto e declarei minha admiração pela sua competência:

– Nunca cheguei a entender como é que se mede o volume de um tronco. Difícil esse seu ofício.

– Cubar madeira? Moço, num é tão custoso assim.

– Pode me explicar? Com calma, tem de mostrar a coisa do começo.

– É uma satisfação, moço. No primeiro pau eu lhe mostro. Na escola não ensinam isso, já me falaram.

O próximo foi um ipê amarelo, o apreciado pau d'arco amarelo. A melhor tábua para assoalho e cerca de curral. Uma árvore magnífica que não voltaria a ostentar flores. O ajudante ditou as medidas: altura, seis metro e meio; diâmetro, setenta centímetro. Notei que o rapaz media a altura a partir de uns três palmos do chão, onde deveria começar o chanfrado do corte. Achei interessante a forma como o diâmetro era medido. Um dispositivo de madeira na forma de H, em que uma das pernas podia correr ao longo de uma haste que era o travessão da letra, fechava-se apertando o tronco, e o rapaz media a separação entre as pernas do H. Uma variação rústica do paquímetro, pensei comigo.

– Espia aqui, moço. O diâmet'ro deu setenta. Deve ter dado ao menos setenta e cinco, mas tem de dar o desconto, pois ninguém tá aqui pra comprar casca de pau. Aí eu tenho que escrever zero vírg'la setenta, – e me mostrou a calculadora onde acabara de digitar 0,70.

– Agora eu multiplico esse número é por ele mesmo. Entendeu? Multiplico o diâmet'ro de novo pelo diâmet'ro.

Multiplicou e me mostrou: 0,49.

– Tenho que dividi esse quarenta e nove por quatro. Pra mor de quê esse quatro, eu acho que num sei não. Olha o que deu – e me mostrou o número 0,1225.

– Agora eu tenho de multiplicar pela altura, que é seis e meio.

Multiplicou e me mostrou: 0,79625.

– Espia aí, deu zero vírg'la sete nove seis dois cinco. Bem, a ciência vem é agora. Eu tenho de multiplicar por um núm'ro estrangeiro, que descobriro ser quem toma conta do roliço do pau, e que chamaram de pi. Invenção meio nova, é por isso que ainda num tá nos livro de escola. Olha aqui.

Olhei a calculadora e vi escrito: 3,14.

– Esse núm'ro pi, treis vírg'la catorze, é matemática que pôca cabeça tem tino pra entender. Mas o que eu faço, vou ser muito honesto, é usar treis pra comprá e quatro pra vendê.

Fala isso enquanto já apaga o número. Escreve 3 e multiplica, obtendo 2,38875. Na caderneta anota: Pau d'arco reto sem defeito – 2,3 metro.